

Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro

Letícia. L. Loder
Patricia C. Gonzalez
Pedro M. Garcez*

Resumo

A apresenta-se uma descrição preliminar da organização de reparo em terceira posição na fala-em-interação em português brasileiro. Analisa-se uma ocorrência do fenômeno, selecionada de um corpus de 225 minutos de gravações de conversa cotidiana. A análise preliminar sugere que a organização do reparo em terceira posição entre interagentes falantes de português brasileiro é similar à descrita na literatura em Análise de Conversa.
Palavras-chave: Reparo, Conversa, Interação

Introdução¹

Inserido no conjunto de esforços

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
¹ O trabalho de pesquisa relatado aqui conta com o apoio oferecido aos autores, respectivamente, da PROPESQ/UFRGS, mediante concessão de bolsa de iniciação científica, da CAPES/PPG-Letras/UFRGS, mediante concessão de bolsa de mestrado, e do CNPq, mediante concessão de bolsa de produtividade em pesquisa (processo no. 551226/2002-1).

de estudar o uso da linguagem humana na interação face a face enquanto manifestação empiricamente observável e, em grande medida, enquanto constituinte fundamental da vida em sociedade, este trabalho tem por objetivo o estudo de um fenômeno central no debate sobre a organização da fala-em-interação: o reparo conversacional. Mais especificamente, nosso foco é direcionado a um tipo específico de reparo, denominado *reparo em terceira posição*, apresentado inicialmente em Schegloff (1987) e descrito em maior detalhe, posteriormente, em Schegloff (1992). Desconhecemos qualquer estudo sobre este fenômeno em interações em português brasileiro. Este trabalho apresenta, portanto, ainda que em caráter inicial, algumas questões advindas de nosso estudo do reparo em terceira posição em interações espontâneas face a face. Com o intuito de apresentar e discutir este fenômeno, fazemos uma breve exposição de sua descrição inicial, elaborada a partir de interações em inglês norte-americano, e, em seguida, analisamos um segmento de uma interação face a face em português brasileiro em que os participantes produzem reparo em terceira posição.

1 Análise da Conversa Etnometodológica

Nossas reflexões têm por base uma tradição de pesquisa qualitativa, fundada nos Estados Unidos em fins da década de 60, a Análise da Conversa Etnometodológica (ACe). Mesmo tendo sido fundada por pesquisadores cuja formação era na área de Sociologia, a Análise da Conversa Etnometodológica constitui-se como “um ponto em que a Linguística e a Sociologia (e algumas outras disciplinas, entre elas a Antropologia e a Psicologia) se encontram” (Schegloff, 1991, p. 46)². Com o objetivo de articular os métodos para a ação social através do uso da linguagem, a ACe busca descrever, empiricamente, os sistemas de organização da fala-em-interação social. Para tanto, essa tradição de pesquisa parte da observação de interações de ocorrência natural, registradas em áudio e/ou vídeo, que são posteriormente transcritas, conforme um sistema de convenções desenvolvido por Gail Jefferson (Atkinson & Heritage, 1984; Jefferson, 2002), e analisadas privilegiando-se a perspectiva evidenciada pelos participantes da interação, pois, ao longo do andamento da interação, os interlocutores estão continuamente demonstrando uns para os outros o seu entendimento das ações de seu(s) par(es). Assim, na medida em que esses entendimentos estão disponíveis para os próprios participantes da interação, “eles ficam disponíveis, também, para os analistas profissionais”. Isto é, “uma vez que é o entendimento dos participantes sobre os turnos de fala anteriores o que é relevante para suas construções dos próximos turnos, é o entendimento deles o que se quer para a análise.” (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974, p. 729) (grifo do original).

Além disso, uma outra posição ontológica fundamental da ACe assevera que a interação cotidiana (ou conversa) face a face apresenta a organização

² As traduções de trechos citados neste artigo foram feitas pelos autores, para os propósitos da presente publicação.

básica de fala-em-interação, a partir da qual todas os outros sistemas de troca de turnos (debates, entrevistas, aulas, audiências) se originam, mediante transformações em sua organização (Schegloff 1999; Garcez 2002).

Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro

2 Sistema de tomada de turnos e sistema de reparo

Considerados como os dois principais sistemas de organização da fala-em-interação social, o sistema de tomada de turnos (Sacks, Schegloff & Jefferson 1974) e o sistema de reparo conversacional (Schegloff, Jefferson & Sacks 1977) foram descritos na década de 70 em artigos publicados na revista *Language*. O primeiro artigo sistematiza o funcionamento básico das trocas de turno na seqüência interacional da conversa cotidiana e aponta o reparo como um mecanismo existente para lidar com violações e erros no próprio sistema de tomada de turno, embora não aprofunde muito a discussão sobre esse último fenômeno (Sacks, Schegloff & Jefferson 1974). Já o segundo artigo descreve o funcionamento do sistema de reparo, que é apresentado, agora, de maneira mais específica como um conjunto de práticas para a resolução de problemas de escuta, produção e entendimento/compreensão apontados pelos participantes ao longo da interação.

Desde a perspectiva em pauta, 'reparo' não se iguala a 'correção'. Correção é uma prática mais específica, em que se substitui um item por outro, e reparo é entendido de modo mais amplo, como uma ação empreendida por um participante para apontar algum problema interacional com o intuito de que venha a ser resolvido mediante diversas práticas possíveis, entre elas a de correção.

Em Schegloff, Jefferson & Sacks (1977), os autores apresentam o fenômeno do reparo como composto, fundamentalmente, por duas partes: iniciação de reparo (apontar o problema) e resultado do reparo (tentativa de resolver o problema), sendo que essas partes podem ser realizadas independentemente por qualquer um dos interlocutores. Assim, o reparo pode, por exemplo, ser iniciado por um dos interlocutores e levado a cabo por outro. Nesse sentido, foram descritas, em 1977, as quatro práticas básicas de reparo (aqui apresentadas na ordem de oportunidade de serem realizadas): reparo iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte de problema; reparo iniciado pelo falante da fonte de problema e levado a cabo pelo outro; reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema; e reparo iniciado e levado a cabo pelo outro. Tais práticas podem ser iniciadas em quatro oportunidades seqüenciais, são elas: no mesmo turno da fonte de problema (pelo próprio falante), no espaço de transição de turnos (pelo próprio falante), no turno seguinte (pelo outro interlocutor) e no terceiro turno em relação à fonte do problema (pelo próprio falante).

Sobre a iniciação de reparo, é importante salientar que se trata aí do único tipo de ação de que se tem notícia capaz de suspender o fluxo de uma interação (Schegloff 2000). Isso significa que, uma vez apontada uma fonte de problema por meio de iniciação de reparo, o andamento da interação até aquele momento será suspenso para que o problema possa ser tratado e, então, a interação possa ser retomada do ponto em que parou.

3 Reparo em terceira posição

Mais recentemente, Schegloff (1987, 1991, 1992), dando continuidade ao estudo da organização do sistema de reparo, descreveu, a partir de seus dados em inglês norte-americano, uma outra prática denominada de *reparo em terceira posição*³, que só é realizada após haverem passado as oportunidades para que as outras quatro práticas de reparo (acima mencionadas) ocorram na seqüência interacional.

O reparo em terceira posição se caracteriza pela resolução de um problema de entendimento do que um dos interlocutores disse/fez com seu turno e, tipicamente, se apresenta como '*não foi isso o que eu quis dizer*' ou '*eu não disse isso. eu disse aquilo*'.

Brevemente, o reparo em terceira posição compõe-se de uma seqüência de ações em três posições: no turno da primeira posição (P1) um interlocutor produz um turno. No turno da segunda posição (P2), o outro interlocutor produz um turno seqüencialmente relevante, demonstrando seu entendimento do turno em P1. O falante de P1 percebe, então, que o entendimento de seu turno P1, revelado em P2, é problemático. Assim, em P3, o falante de P1 refaz seu turno inicial a fim de que o problema de entendimento seja resolvido e que o falante de P2 possa produzir um turno seqüencialmente relevante.

Apresentamos, a seguir, a análise de uma de nossas ocorrências de reparo em terceira posição de uma interação face a face.

4 Reparo em terceira posição em português brasileiro

A partir desta descrição do fenômeno, iniciamos um trabalho de verificação da ocorrência dessa prática de reparo em interações face a face em português brasileiro, nos unindo a outros pesquisadores na tentativa de estudar fenômenos conversacionais desse tipo em interações mediadas por outras línguas além do inglês norte-americano (Egbert 1996; Wagner 1996). Partimos de um total de 225 minutos de registros em áudio de interações face a face de ocorrência espontânea em diversos cenários interacionais: colegas conversando no bar da faculdade, mulheres em torno da mesa da cozinha enquanto preparam refeição, família na mesa de jantar⁴. Nesse *corpus*, identificamos algumas ocorrências de reparo em terceira posição, uma das quais selecionamos para analisar aqui.

No seguinte segmento, as interagentes Meire e Sílvia estão na cozinha de uma residência, na co-presença de outras mulheres que estão preparando uma refeição. Ao longo dessa gravação, nem todas as presentes se engajavam, ao mesmo tempo, na mesma interação, inclusive ocorrendo, por vezes, interações paralelas. Nesse caso, focamos nossa atenção na interação entre Meire e Sílvia, parte da qual está transcrita abaixo. Meire é revendedora de cosméticos e

³ Observe-se que reparo no terceiro *turno* e reparo na terceira *posição* são fenômenos distintos. O reparo em terceiro *turno* é normalmente breve e é entendido apenas como um turno "interpolado" entre o turno da fonte de problema e o turno do reparo (Schegloff 1997:35).

⁴ As interações são parte do banco de dados do Grupo de Pesquisa "Interação Social e Etnografia", liderado pelo Prof. Pedro M. Garcez.

Sílvia, sua irmã, fez uma encomenda para entregar a uma amiga. A partir do ponto em que Meire pede a confirmação de Sílvia sobre os produtos encomendados e sobre o valor a ser cobrado da amiga, segue-se, então, uma seqüência de mal-entendido (ver convenções de transcrição no apêndice):

P1 →	01	Meire:	tá é: <u>se::is</u> e <u>nove::nta</u> (.) e: era- a
	02		sombra em <u>pó::</u> e o <u>bató::m</u> é isso,
	03		(1,6)
P2 →	04	Sílvia:	nã <u>o</u> . são só duas coisas né,
	05		(0,8)
P3 →	06	Meire:	eram <u>duas</u> coisas a sombra em <u>pó::</u> e: o
	07		que <u>ma::is</u> ,
	08		(0,5)
	09	Sílvia:	ah <u>tá</u> eu entendi a sombra o pó e o
	10		batom >(eu disse [nã <u>o</u> -]<]
	11	Meire:	[nã <u>o</u>] a <sombra
	12		<u>e::m</u> <u>pó::</u> ->
	13	Sílvia:	<u>é::</u> (.) <u>i::sso</u> aí

No primeiro turno do excerto, Meire pede a confirmação de Sílvia sobre o valor e sobre os produtos encomendados, dizendo *tá é: se::is e nove::nta (.) e: era- a sombra em pó:: e o bató::m é isso*. No turno seguinte, Sílvia, ao responder para Meire, demonstra que entendeu que Meire falava de três produtos ao invés de dois ao dizer *não. são só duas coisas né*. A partir desse turno de Sílvia, na linha 04, Meire pôde analisar a fala de Sílvia como uma produção que revela uma compreensão equivocada de seu turno inicial. Assim, Meire refaz seu primeiro turno, na linha 06, dizendo *eram duas coisas a sombra em pó:: e: o que ma::is*, refazendo o pedido de confirmação com outras palavras para que Sílvia possa, então, produzir uma nova resposta, confirmando ou não os produtos que foram encomendados.

Retomando, agora, o esquema de organização do reparo em terceira posição: na posição 1 (P1), Meire realiza um turno de fala (linha 01-02); na segunda posição (P2), Sílvia demonstra seu entendimento de P1, que se revela, para Meire, como um mal-entendido (linha 04); na terceira posição (P3), Meire refaz seu turno da primeira posição para que o mal-entendido seja resolvido e para que a seqüência interacional possa prosseguir (linhas 06-07).

A causa do mal-entendido no segmento sob análise encontra-se no turno da primeira posição (onde está a fonte do problema), no caso, um problema de uma palavra ou expressão mal-entendida: 'sombra em pó e batom' (dois itens) compreendidos como 'sombra, pó e batom' (três itens).

Na análise desse segmento, fica claro que a ocorrência do reparo em terceira posição é precedida por uma série de oportunidades para que outras práticas de reparo sejam empreendidas. No turno das linhas 01-02, Meire poderia já ter iniciado reparo sobre seu próprio turno, caso ela identificasse algum problema em sua produção. Contudo, Meire não revela dúvida quanto ao que ela mesma disse ('sombra em pó e batom'), dado que ela não inicia reparo no próprio turno, nem antes do lugar relevante para troca de turno (Sacks, Schegloff & Jefferson 1974), nem depois (o que está evidente no silêncio de 1,6 segundos na linha 03). Portanto, as oportunidades de reparo iniciado e levado a cabo

pelo falante da fonte de problema e de reparo iniciado pelo falante da fonte de problema e levado a cabo pelo outro não foram aproveitadas. Por outro lado, Sílvia também não aponta nenhum problema nesse turno de Meire, ficando evidente que Sílvia não revela dúvida sobre o que sua interlocutora disse (ou, melhor, sobre o que Sílvia ‘ouviu’ do que Meire disse, isto é, ‘sombra, pó e batom’), dado que Sílvia parte diretamente para a resposta à pergunta de Meire. Assim, as oportunidades de reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema e de reparo iniciado e levado a cabo pelo outro não são tomadas tampouco. É apenas após essas oportunidades terem passado que há a oportunidade para o reparo em terceira posição, que, nesse segmento, é efetivamente aproveitado quando, a partir da resposta de Sílvia em P2, Meire identifica que houve um problema e trata de repará-lo.

É interessante notar que, após o reparo em terceira posição ter sido levado a cabo – mas antes que Sílvia refaça a resposta relevante para o pedido de confirmação de Meire –, Sílvia, em seu turno das linhas 09-10, explicita sua análise do turno P1 de Meire, que a levou a fazer seu turno P2. Assim, nesse segmento em particular, a perspectiva dos participantes está disponível para os analistas não só através da análise seqüencial, mas também através dessa prestação de contas que Sílvia realiza topicamente.

A prática do reparo em terceira posição está, portanto, disponível para que o equívoco seja solucionado antes que a seqüência siga mais adiante. Mais do que mostrar como se organiza o sistema de reparo, queremos mostrar que essa prática de reparo está presente na conversa do nosso dia-a-dia, como um recurso do qual os interagentes lançam mão para resolver um mal-entendido, ou seja, detectar e resolver ameaças à intersubjetividade⁵ que é requerida para a suas ações conjuntas.

5 Considerações finais

Considerando a descrição do fenômeno disponível da literatura em Análise da Conversa Etnometodológica, já é possível afirmar que nossas investigações apontam para o fato de que o reparo em terceira posição é, também, empregado por interlocutores em interações em português brasileiro como recurso para reparar problemas evidenciados em seus turnos de fala, mesmo após terem passado oportunidades anteriores de fazê-lo.

Dando continuidade a este estudo, pretendemos ampliar o número de interações a serem inspecionadas em busca de mais ocorrências do reparo em terceira posição, não só para que possamos obter conclusões mais fortemente respaldadas empiricamente quanto à recorrência do reparo em terceira posição em português brasileiro, mas também para que possamos investigar maiores

⁵ Por intersubjetividade, entenda-se aqui “a convergência potencial entre os ‘realizadores’ de uma ação ou parcela de conduta e seus interlocutores, como coprodutores de um incremento de realidade interacional e social” (SCHEGLOFF, 1992, p. 1299). Uma discussão mais robusta do conceito será objeto de uma próxima publicação. Para os fins deste trabalho, contudo, gostaríamos de destacar que o termo ‘intersubjetividade’ não é entendido como sinônimo de compreensão mútua, assim como não se limitam a questões de referencialidade os problemas aos quais o reparo em terceira posição se dirige.

detalhes na organização do reparo em terceira posição (sobre os componentes do reparo em terceira posição, as fontes de mal-entendido que causam esse tipo de reparo e as operações efetuadas na terceira posição).

Dado que, além de implicações seqüenciais, esse tipo de reparo tem íntima relação com questões de intersubjetividade (Schegloff 1992), o estudo aprofundado do fenômeno trará reflexões relevantes para discussões mais amplas sobre o uso da linguagem humana na interação social face a face entre nós, bem como sobre o caráter universal da organização da fala-em-interação social.

Abstract

This paper presents a preliminary description of the organization of third position repair in talk-in-interaction in Brazilian Portuguese. One occurrence of third position repair selected from 225 minutes of audio recordings of ordinary conversation is analyzed. This preliminary analysis suggests the organization of third position repair among interactants speaking Brazilian Portuguese as similar to that described in the conversation analytic literature.

Keywords: repair, conversation, interaction.

Referências

- ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- EGBERT, M. Context-sensitivity in conversation: eye gaze and the German repair initiator *bitte?*. *Language in Society*, New York, v. 4, n. 25, p. 587-612, 1996.
- GARCEZ, P. M. Formas institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar. *Palavra* (PUC-Rio), Rio de Janeiro, v. 8, p. 54-73, 2002.
- HAVE, P. ten. *Doing Conversation Analysis*. Londres: Sage, 1999.
- JEFFERSON, G. Is 'no' an acknowledgment token? Comparing American and British uses of (+) / (-) tokens. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 34, n. 10, p. 1345-1383, 2002.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, Baltimore, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.
- SCHEGLOFF, E. A. Some sources of misunderstanding in talk-in-interaction. *Linguistics*, Berlim, v. 25, p. 201-218, 1987.
- SCHEGLOFF, E. A. Conversation analysis and socially shared cognition. In: RESNICK, L.; LEVINE, J.; BEHREND, S. (Orgs.). *Perspectives on socially shared cognition*. Washington: American Psychological Association, 1991. p. 150-171.
- SCHEGLOFF, E. A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 97, n. 5, p. 1295-1345, 1992.

SCHEGLOFF, E. A. Third turn repair. In: GUY, G. R.; FEAGIN, C.; SCHIFFRIN, D.; BAUGH, J. (Eds). *Towards a social science of language: papers in honor of William Labov, Volume 2*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 31-40.

SCHEGLOFF, E. A. Discourse, pragmatics, conversation, analysis. *Discourse studies*, Londres, v. 1, n. 4, p. 405-435, 1999.

SCHEGLOFF, E. A. When 'others' initiate repair. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 21, n. 2, p. 205-243, 2000.

SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, Baltimore, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.

WAGNER, J. Foreign language acquisition through interaction – a critical review of research on conversational adjustments. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 26, n. 2, p. 215-235, 1996.

ANEXO

Convenções de Transcrição

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
-	(hífen)	marca de corte abrupto
::	(dois pontos)	prolongamento do som
<u>nunca</u>	(sublinhado)	sílabas ou palavras enfatizadas
PALAVRA	(maiúsculas)	fala em volume alto
°palavra°	(sinais de graus)	fala em voz baixa
>palavra<	(sinais de maior e menor)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor e maior)	fala desacelerada
hh	(série de h's)	aspiração ou riso
.hh	(h's precedidos de ponto)	inspiração audível
[]	(colchetes)	fala simultânea ou sobreposta
=	(sinais de igual)	elocuições contíguas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa (até 2/10 de segundo)
()	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	dúvida do transcritor
((olhando para o teto))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

Adaptadas de Atkinson e Heritage (1984, pp. ix-xvi) e das instruções para submissão de artigos ao periódico especializado *Research on Language and Social Interaction* (Lawrence Erlbaum).